

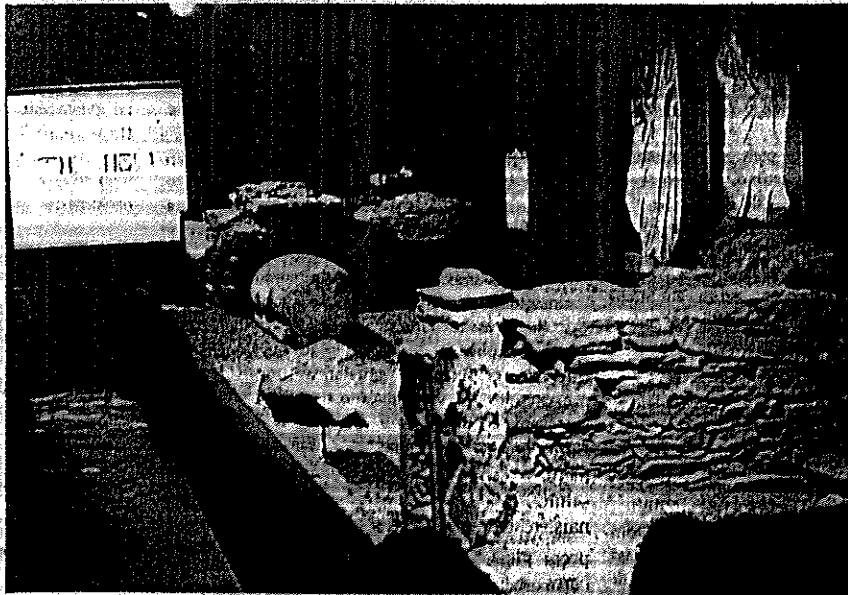
# dos Paços do Concelho de Mértola

O tratamento feito das ruínas encontradas na cave dos Paços do Concelho de Mértola transformou o achado arqueológico num espaço ímpar, magnífico: o Núcleo Romano do Museu local, inaugurado na passada sexta-feira.

Descendo os degraus do primeiro piso da Câmara, o visitante passará a encontrar um lugar que funde a informação e o carácter didáctico com o maravilhoso e, o apelo ao imaginário.

Tudo começou há alguns anos quando o edifício ardeu. Depois, ao proceder-se às obras, "as forças ou gestos do acaso" fizeram meter uma picareta no solo que pôs a descoberto ruínas de uma construção do século II que veio também a mostrar ocupação posterior (século IV e épocas seguintes até à actualidade).

A reconstrução dos Paços do Concelho passou desde logo a ter como preocupação a preservação desses achados — nos quais se procedeu a escavações arqueológicas — para a criação de um núcleo museológico. O edifício ficou primeiro pronto nos seus pisos superiores (com um projecto de grande qualidade estética). Agora foi a vez da abertura do núcleo romano.



## UMA "LEITURA" SIMPLES

espólio integra fragmentos arquitectónicos encontrados em épocas diferentes no perímetro da vila e que estiveram guardados sucessivamente na torre de menagem e na escola primária. Um segundo conjunto é formado por objectos exumados no próprio local durante os trabalhos arqueológicos e na zona da Alcaçova junto ao Castelo. Algumas das peças foram oferecidas por moradores que compreenderam a importância da exposição pública de materiais históricos.

O contraste permitido pelo tom negro das paredes é de grande beleza. A iluminação suave e discreta ajuda a criar um local de íntima aproximação com a velha Myrtilis. A informação nos placards, expositores e vitrinas, é acessível a qualquer visitante menos familiarizado. Estabeleceu-se uma relação fácil com a região.

O primeiro contacto é com uma imponente estátua encontrada durante as obras de construção da Igreja da Misericórdia em meados do século XVI conjuntamente com outras cinco, das quais algumas se encontram actualmente no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Essas e outras peças que em épocas diferentes foram "desviadas" de Mértola estão presentes através de ex-

lentes reproduções fotográficas.

## UMA MURALHA ROMANA DE UM QUILOMETRO

Cláudio Torres, responsável pelo Campo Arqueológico de Mértola (CAM), destacou que este é o primeiro de uma série de quatro núcleos do Museu de Mértola que nos tempos mais próximos serão abertos ao público. Apesar de o trabalho arqueológico em Mértola ter estado nesta década mais virado para o mundo medieval — em especial muçulmano — as obras no edifício da Câmara acabaram por vir a fazer com que o primeiro espaço concluído fosse o relativo ao período romano. Em 1989 será o núcleo paleo-cristão (um autênti-

co "museu de sítio" no Rossio do Carmo) e depois os núcleos bilâmico e de arte sacra.

Como que a querer reforçar a importância de Mértola (também no período romano, os elementos do CAM depararam, há cerca de um mês, com uma espantosa muralha romana em volta da vila com um quilómetro de comprimento, três metros de altura e cinco de largura). É uma construção gigantesca que se pensou durante bastante tempo que fosse a ergo do Convento mas que uma sondagem agora feita permitiu concluir tratar-se de uma muralha da época republicana, século I ou II. A cidade romana de Mértola ocuparia uma área de mil", afirma Cláudio Torres. A muralha que se estende de rio a rio (Guadiana e Oeiras) poderia estar ligado aos "castellae"

espalhados pela área próxima de Mértola e que teriam a ver com a mineração — os chapéus de ferro, prata e ouro.

Cláudio Torres explicou também a fraca densidade de estações arqueológicas romanas fora da vila de Mértola pela natureza dos terrenos. "Podemos dizer que nos sítios onde houve uma villa existe hoje um palacete. Na zona de Mértola não houve deslocações de construções como a zona dos barros da Beja. Aqui os terrenos bons são escassos".

A antecedente a inauguração — que contou com a presença dos responsáveis da autarquia e de numerosos arqueólogos — decorreu no salão nobre dos Paços do Concelho, uma conferência pelo professor Jorge Alarcão. O ordenamento territorial do sul de Portugal ro-

mano foi o tema escolhido. No século VIII antes de Cristo Mértola já seria importante como ponto de escoamento de minério para o território de Tartessos (região do Guadalquivir) e daí para o Mediterrâneo Oriental. Nos últimos tempos de Júlio César ou nos primeiros de Augusto, Myrtilis Julia ou Julia Myrtilis tornou-se município, uma cidade (capital) que teria associados a vários "castellae" próximos. "Não custa a entender que fosse uma cidade armazém, cidade portuária que vivia em grande parte do cobre de S. Domingos e eventualmente do de Aljustrel que poderia ser canalizada por aqui", afirmou Jorge Alarcão.

## "FICHA TÉCNICA"

O professor catedrático de Coimbra seria depois convidado a informalmente inaugurar o Núcleo Romano. Um espaço que contou com o trabalho rigoroso de uma equipa diferente. Aqui deixamos a "Ficha Técnica" do museu: Concepção global e coordenação — Cláudio Torres e Susana Correia. Projecto de acondicionamento do arte e electrificação — Luís Casanovas; Projecto de iluminação — Vítor Vajão; Design de vitrinas — José Cruz de Carvalho e Cláudio Torres; Design de placards e expositores — Aurelindo Ceia e Cláudio Torres; Restauro de cerâmica e metais — Manuel Passinhas da Palma; Apoio museográfico — Miguel Luís Rego; Desenhos — Carlos Madeira; Celeste Menezes e Leonel Borrela; Fotografia — António Cunha; Instalação eléctrica — Manuel António Correia; Trabalho de carpintaria — Amândio José da Luz.

O Núcleo do Museu conta com o apoio da Câmara de Mértola, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Instituto Português do Património Cultural e Serviços Regionais de Arqueologia do Sul.

Para o município este foi apenas mais um passo do trabalho que vem apoiando em defesa do património. Desta vez, como se sublinha no desdobrável editado a propósito da inauguração, com um pendor simbólico, a descoberta das ruínas no próprio edifício camarário investe a autarquia de maior autoridade e responsabilidade cultural.

Vale a pena: quando puder, dá um salto a Mértola e visita o núcleo romano.